
Análise das práticas jornalísticas contextualizadas sobre o Semiárido Brasileiro desenvolvidas pela WebTV Uneb Juazeiro¹

Pedro Henrique Miranda Santos²

Fabíola Moura Reis Santos³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.

Resumo

Este trabalho parte da análise do discurso da produção de três boletins do programa ‘Infocampus’ da WebTV Uneb Juazeiro, que divulga projetos de pesquisa, extensão e atividades sociais da Universidade do Estado da Bahia. Com o propósito de discutir a necessidade de práticas jornalísticas contextualizadas com o Semiárido brasileiro (SAB), o presente artigo tem o intuito de reforçar a importância da representação desses territórios nas produções de uma WebTV universitária com formação no projeto “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro” (JCSAB). As práticas jornalísticas analisadas nos boletins apontam viabilidades para representar e pautar esses territórios no telejornalismo. Além disso, os programas também contribuem para produzir sentidos contextualizados sobre o Semiárido, devido ao aprofundamento nas pautas e aproximação com o Jornalismo Científico e Educativo.

Palavras-chave: Semiárido; Jornalismo Contextualizado com o SAB; telejornalismo educativo; comunicação.

Introdução

O conceito tradicional de Jornalismo não defende como um de seus papéis o “educar”, já que por definição, o jornalismo é a prática profissional que tem por objetivo a apuração, o processamento e a transmissão diária de informações da atualidade, para o grande público, através de veículos de divulgação coletiva como o jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 346). Se o conceito do que se entende por comunicação engloba a possibilidade de mudança da pessoa a partir da interlocução, é possível compreender que o jornalismo pode influenciar os indivíduos. O que foi mostrado nos telejornais acaba por estimular diálogos entre familiares, os

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: pedromirand4@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: fabiolamsantos@hotmail.com

temas abordados em rodas de conversas de amigos e, conseqüentemente, o que a sociedade vai discutir e opinar.

Enxergar o Jornalismo com base na Análise do Discurso (AD) requer uma adequação a novos paradigmas por buscar compreender os processos de produção de sentidos através da mídia. Nesse cenário, o que se destaca é a ilusão referencial da linguagem. A linguagem não descreve, ela constitui o que representa, produz significados, é, portanto, um processo produtivo.

Martín Barbero sugere a cultura e a comunicação como troca incessante de símbolos e sentidos. Ele afirma que as culturas só vivem e só continuam vivas a partir do momento em que se comunicam umas com as outras, e que essas mudanças não são negativas. Portanto, a massa daria sentido às coisas sem ser necessariamente passiva. Martín-Barbero (2003b) passa, então, a chamar de mediações aos espaços, às formas de comunicação, que estão entre a pessoa que ouve o rádio, por exemplo, e o que é dito no rádio.

Mediação, por conseqüência, significa que entre a emissão e a recepção existe um amplo espaço onde se percebem os costumes, as crenças, tudo relacionado à cultura. As massas dão sentido ao que veem, num processo produzido pelas mediações.

Nesse sentido, o Nordeste é tema contínuo nas produções midiáticas, principalmente na televisão. Com pautas construídas a partir de noções pré-concebidas, a mídia repete, e consolida sentidos historicamente fabricados. Os produtos jornalísticos têm reforçado o imaginário de que o Semiárido é um território inviável e castigado. A imagem que se perpetua na mente da população quando se pensa em Nordeste é a da região seca, saturada de sentidos e repleta de estereótipos.

Exemplo disso, é a cobertura da falta de água em cidades do Semiárido. Os telejornais costumam mostrar essa carência apenas no meio rural, quando esta é uma realidade comum também no meio urbano, inclusive de todo o país. Intencionalmente, esses veículos frequentemente optam por fazer imagens de casas em situações precárias, feitas de taipa, com famílias pobres e numerosas, o que reforça a ideia de que os problemas desses territórios são causados por um único motivo.

De acordo com Albuquerque Júnior (2009, p.2), a repetição incessante das mesmas ideias e das mesmas imagens, torna a região “[...] uma paisagem imutável, uma paisagem ahistórica, atemporal” de forma a “nunca se deixar corroer pelas mudanças de sentido e significação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.2).

O sentido só se dá a partir de determinadas condições e regras. São as regras de formação, termo trazido por Foucault (1995) para designar características de uma determinada formação discursiva. Esta, que determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar historicamente estabelecido, está ligada à formação ideológica.

Na contramão dessas produções, a *WebTV* Uneb Juazeiro, que é um produto do projeto de extensão “Programas experimentais de televisão” do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, têm contribuído com novas práticas jornalísticas, educacionais na universidade para os alunos e o público, que acompanham esses trabalhos.

Baseado no projeto de pesquisa “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB)”, que investe nas diversas possibilidades de representações sobre esses territórios sem distorções, com uma variada produção de sentidos, temáticas e abordagens, nas quais o enfoque jornalístico percorre, equilibradamente, com a proposta educativa (SANTOS, 2018), a *WebTV* busca noticiar possibilidades e viabilidades de autossuficiência desses territórios, que são pouco noticiadas pela grande mídia. Com a proposta de transformar o circuito de produções estereotipadas do Semiárido, as reportagens da *WebTV* Uneb Juazeiro focam na identidade do Semiárido pelo que esta região tem de construtivo para a sociedade. Além disso, esse projeto gerou o ‘Contexto Semiárido’⁴, o site converge o rádio, pesquisa, ensino e extensão e armazena os materiais desenvolvidos sobre essa temática pelos estudantes da universidade.

Este artigo, visa compreender também como esses novos discursos estão sendo compreendidos em um contexto de desconstrução da forma tradicional de pautar esses territórios em três boletins do ‘Infocampus’, além de analisar como essas produções refletem a representação do Semiárido Brasileiro com o Jornalismo contextualizado.

Metodologia

A análise do discurso é baseada na teoria de Maingueneau e partiu da seleção de três boletins do programa Infocampus, que divulga as atividades, produções e apresenta a pesquisa e extensão desenvolvidas na Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro. Os programas foram produzidos e publicados no site da *WebTV* Uneb deste campus entre 2017 e 2018. Os vídeos analisados foram escolhidos com base em questões e

⁴ <http://contextosemiarido.com.br/>

temas que abordem as diferentes facetas que o Semiárido pode ser apresentado pelo telejornalismo.

Boletim 1: Caerdes⁵ – Desenvolvimento de tecnologias socioambientais. Neste boletim é divulgada a iniciativa do departamento de Tecnologia e Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia com projeto 'Agroecologia, Energias Renováveis e Desenvolvimento Sustentável' em pesquisas na área da agricultura orgânica. O que contribui para a desmistificação de que no Semiárido brasileiro não há produção científica u ações inovadoras. (Figura 1)

Boletim 2: NEPEC⁶ – Educação contextualizada. Explicita a necessidade da desconstrução da imagem de Semiárido pobre, através de livros didáticos que mostram a riqueza e a diversidade dessa região, além de divulgar as pesquisas científicas produzidas também na área da educação. (Figura 2)

Boletim 3: Estação MET⁷ – Monitoramento Climático. Novos olhares sobre o Semiárido Nordeste. Mostra as formas de tornar as plantações mais produtivas e diminuir o desperdício de água na irrigação. O projeto contribui para produtores avaliarem qual o período mais adequado para o plantio de determinadas culturas. (Figura 3)



Figura 1: Caerdes



Figura 2: NEPEC



Figura 3: Estação MET

Os boletins selecionados apresentam projetos de pesquisa sobre o Semiárido brasileiro. A escolha foi feita baseada na compreensão e afinidade nas linhas de pesquisa que cada projeto desenvolve sobre as potencialidades desses territórios. Além das possibilidades de pautar o SAB e ressignificar a representação dessas regiões. Para Maingueneau a Análise do Discurso não constitui uma técnica de interpretação ou algo cristalizado, mas que "depende das ciências sociais e seu aparelho está assujeitado à dialética da evolução científica que domina este campo" (MAINGUENEAU, 1997,

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=5HDVD3EQ-9g>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=sDNcQYTSfVM>

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=GnFyVBpt_yA&list=PL-l6cnKbED-gXexvw1V1dZUtLjUbmQ0i1

p.11). O método por ele desenvolvido enfatiza, principalmente, a importância do contexto de/em um discurso, bem como seus interdiscursos e intertextualidade.

Em vista disso, estudar o discurso de um veículo de informação é essencial para compreender não apenas como se dá a produção de sentido em seu texto, mas também como o jornalismo da *WebTV* Uneb em seus "atos de linguagem" informa e se relaciona com os seus co-enunciadores, bem como intervém no contexto social.

O contexto da *WebTV* Uneb Juazeiro e a construção dos sentidos contextualizados

Os meios de comunicação podem ser vistos como um componente do processo educativo e a mídia é parte do processo das ações da educação. Ainda que não tenha formação pedagógica, pode-se dizer que o jornalista exerce o papel de educador quando expõe informações educativas. Os indivíduos estão, constantemente, aprendendo com a relação com outras pessoas, com o meio em que vivem, com o que veem, leem e escutam dos meios de comunicação.

Comunicação e ensino são partes de uma mesma realidade. Uma realidade que supera a inclusão do conceito de ensino no conceito mais amplo de comunicação. Em outras palavras, ensinar sempre é comunicar. Mas nem sempre a comunicação é ensino. O ensino se compara a uma realidade, limitada em seu sentido global, por umas fronteiras que não coincidem com as de comunicação. Ensinar é uma comunicação intencionalmente eficaz e em tempo limitado (ILLERA, 1988, p.133).

A divulgação das pesquisas e projetos realizados dentro da Universidade é potencializada de forma exponencial por uma *webTV* universitária. Não existe um espaço limite na rede, o oposto das emissoras de TV, que têm a programação restrita em função do tempo, na *web*, o público define o tempo. Aos produtores da informação cabe dispor material e ferramentas para que as pessoas possam encontrar o que pretendem assistir e permanecerem o tempo que desejarem.

De acordo com Neusa Maria Amaral (2007), doutora pela Universidade de São Paulo e pesquisadora da área de concentração em Comunicação Científica e Tecnológica, o conceito de *webTV* é de canais de televisão que existem somente no universo virtual e são concebidos exclusivamente para a *web*. O grande impulsionador do vídeo na *internet* foi o *Youtube*, fundado em 1º de fevereiro de 2005, a plataforma é

líder de vídeos *on-line* e a primeira opção para assistir e compartilhar vídeos originais globalmente por meio da *web*.

Esse espaço ilimitado de informação e conhecimento pode promover mudanças na compreensão de conteúdos contextualizados e educativos. O fato de o jornalista ir além das perguntas que compõem o *lead* da matéria (o quê, quem, quando, onde como e por quê?) caracteriza a reportagem como Jornalismo Educativo.

Montoro (1973, p. 54) define o Jornalismo Educativo como o tipo que “inclui comunicação por essência; informação por necessidade; formação por desejo de orientar; entretenimento por natureza e tudo isso dentro de uma área envolvente que inclui estilo, técnica e representação adequados”. Um conceito abrangente que se ajusta melhor a ideia da abordagem da notícia atualmente.

Em uma crítica à Teoria do Espelho, Fernandes (2002, p.5) lembra um texto divulgado pela *internet* em 1996 pelo professor *Jay Rosen* da *New York University*, que fazia uma pergunta bastante atual.

Já temos informação, agora o que nos faz falta é a democracia. Neste sentido, há uma pergunta chave: para que nos preocuparmos de informar a um público que, quem sabe, nem sequer existe? O primeiro ato que devemos ter é construir o público. O jornalismo informativo clássico pressupõe a existência de uma esfera pública funcionando, na qual os assuntos coletivos são continuamente reconhecidos e discutidos. Por isso se pensa que é suficiente somente apresentar notícias, acrescidas de alguns testemunhos, além de publicar editoriais e fazer entrevistas de toda espécie.

O público deve ter elementos para tirar as próprias conclusões dos fatos, com o auxílio de material contextualizado e educativo. Em matérias veiculadas sobre o Semiárido, a técnica jornalística de apenas informar parcialmente, acaba por ter pouco impacto na compreensão do assunto, por não instruir corretamente. O jornalista pode explicitar que mais de mil vacas morreram por falta de água no Sertão do brasileiro durante a seca. O público compreenderia que o problema está na falta de água, apenas. Com a inclusão da função de educar no jornalismo, a questão seria abordada também explicando o motivo de criações bovinas serem menos apropriadas ao clima desses territórios por consumirem mais água e pasto. A partir da informação contextualizada, o receptor do conteúdo compreenderia que é pouco viável criar bois e vacas por serem animais maiores que precisam de um consumo diário alto de água e alimento. O

Jornalismo Contextualizado contribuiria para um melhor entendimento de notícias com essa temática e educaria criadores a procurar outras viabilidades.

A televisão chega a grande parte das casas brasileiras, isto é um fato, são pessoas com poucas opções de lazer. A TV acaba por ser a única fonte de informação e de entretenimento para todos os integrantes da família. O impacto disso na vida desses indivíduos positiva ou negativamente, não pode ser ignorado (DUARTE, 2006).

Ao descrever o trabalho do jornalista, Abramo (1988, p.110) exemplifica:

Existe o jornalista que só conta o fato: um muro caiu na cabeça da dona Maria e ela morreu debaixo de 35 tijolos. Isso é um fato puro e simples. Haverá outro jornalista que dirá que o muro caiu porque o dono do terreno se recusou a gastar dinheiro e usou um suporte ruim, que ameaçava cair. Aí, começa-se a desenvolver o que se passa, da narrativa do fato para a crítica da sociedade.

Diante disso, é visível a importância do Jornalismo Científico para construção de uma narrativa honesta em relação a esses territórios. Todas as pessoas têm direito a conhecer os avanços da Ciência e Tecnologia. Por isso, o Jornalismo Científico tem como foco principal, promover a divulgação da ciência ao homem leigo, àquele que não possui conhecimento específico em determinadas áreas.

O Jornalismo Científico é um ramo da divulgação científica e “refere-se a processos, estratégias, técnicas, e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia” (BUENO,1984, p.11). A divulgação científica tem a intenção favorecer a compreensão e despertar o interesse do público pela ciência.

Segundo Burkett (1990, p.51), no emaranhado de fatos novos que é a ciência, o “significado” é essencial para a seleção dos assuntos a serem divulgados. Falar sobre o “significado” é relevante quando notamos que as produções do Jornalismo Científico são consideradas “matérias de serviço”, discursos que orientam as pessoas no seu cotidiano e preenchem suas necessidades de conhecimento em temas como “sobrevivência” (moradia, alimentação, saúde), educação e cultura (escola, meio ambiente, novas tecnologias).

O programa Infocampus, que faz parte da programação da *WebTV* Uneb Juazeiro, exercita esse papel ao veicular boletins das pesquisas desenvolvidas na universidade e decodificar a linguagem científica para compreensão da comunidade.

Análise dos boletins do programa ‘InfoCampus’

Os boletins analisados tem duração média de um minuto. Nota-se que os temas englobam assuntos pertencentes a vários contextos, mas que é possível perceber uma ligação entre eles, visto que pertencem ao mesmo campo discursivo, a exemplo de tecnologia; sustentabilidade; práticas; refletir; orgânica, que demonstra uma interligação com o Semiárido, que normalmente não é comum. Para Maingueneau (2004), os campos discursivos podem ser entendidos como conjuntos de enunciados ou formações discursivas que se encontram em concorrência, como no caso apontado.

Ainda nesse sentido, podemos perceber que essas formações discursivas se interconectam, em dadas situações, sempre a partir do contexto, o que pode ser caracterizado como interdiscurso. Segundo Maingueneau (2004), interdiscursividade é um conjunto de discursos que mantém uma relação entre si, ou seja, termos de outras esferas, atuando em uma relação de uma determinada fala.

Em um contexto no qual o Jornalismo costuma pautar o Sertão como região problema, como uma população de flagelados, que sofre com a seca, os boletins Infocampus fogem da regra historicamente implícita nas formações discursivas sobre o Nordeste por não usarem palavras ou imagens que reforçam o imaginário estereotipado da região. Ao optar pelos termos “*desenvolvimento de tecnologias*” e “*estratégias de sustentabilidade*” no boletim sobre o “Caerdes”, o enunciador explicita as viabilidades científicas da região, além de contribuir em novas maneiras de pautar esses territórios.

Para Citelli (2000, p. 29), “a palavra nasce neutra, em estado de dicionário, mas contextualizada pode tomar outros sentidos”. Há uma correspondência nos valores tratados no boletim, ideias que cumprem o espectro de funções persuasivas as quais a WebTV Uneb Juazeiro se propõe.

Segundo Maingueneau e Charadeau (2004, p.188):

A seleção do conjunto de vocábulos que constitui a linguagem de certo veículo tem relação direta com a visão de mundo e com a intencionalidade dos produtores da informação que é transmitida. A escolha lexical é um recorte que determina o formato e a estética de um dado telejornal, recorte este que não é feito de forma aleatória, mas sim de maneira criteriosa, fundamentada e, principalmente, intencional e premeditada.

A trilha sonora utilizada no vídeo também é um diferencial percebido. Normalmente, os telejornais abusam do uso de gêneros musicais construídos historicamente para serem associados ao Nordeste, como o forró. No boletim, a música

é contemporânea e se relaciona muito bem com o que é informado, por transmitir a sensação de algo inovador.

No vídeo sobre o “Nepec”, o enunciador muda a perspectiva de apresentação dos símbolos que são usados pela mídia para representar os territórios Semiáridos como terras desprovidas de pessoas com conhecimento. A pauta é diferenciada por mostrar que no Semiárido também há produção intelectual para intervir e incentivar a desconstrução dos estereótipos que rodeiam a região. Nesse boletim, o campo discursivo de maior frequência é o campo educacional, representado pelos professores mostrados no vídeo e termos como: livros; especialização e mestrado.

Conforme Maingueneau (1997, p. 81), “a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência”. Logo, os enunciadores serão levados a utilizar termos que marcam sua posição no campo discursivo. É, portanto, o tratamento semântico dado ao vocabulário, bem como ao tema, que os delimitam.

O objetivo do boletim sobre a “Estação MET” é mostrar que há uma variação de tempo e clima no Semiárido. Há pesquisadores e meteorologistas que estudam formas de adaptar o cultivo de determinadas culturas na região. O que reforça a tese do Jornalismo Educativo e Contextualizado de informar e educar sobre as possibilidades desses territórios. Ao utilizar o termo “*qualquer agricultor*”, o enunciador aproxima as viabilidades destacadas na pesquisa científica ao cotidiano dos agricultores locais.

Segundo Maingueneau (2004), por meio da cena de enunciação, a personalidade do enunciador é revelada – a sua “voz” para além do texto, o *ethos* – validando o seu dizer. Na retórica aristotélica, o *ethos* é a imagem de si que o orador produz em seu discurso e não “pessoa real”, conceito que Maingueneau retoma e reelabora:

[...] o enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber [...] se deixa apreender também como uma voz e um corpo [...] o *ethos* assim definido se desenvolve em relação à noção de cena de enunciação [...] A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas [...] (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2006, p. 220-221) .

São os efeitos que o enunciador pretende produzir sobre o seu público, impostos pela formação discursiva, que permite ao leitor construir uma maneira de dizer que

remete a uma maneira de ser do enunciador. Por meio da fala, o *ethos* confere uma identidade compatível com o mundo que será construído no enunciado.

Considerações

As práticas jornalísticas da *WebTV* Uneb só são possíveis pela formação nos princípios do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido, Jornalismo Educativo e Jornalismo Científico. Os boletins analisados são frutos de um jornalismo preocupado em educar e construir novas representações do Semiárido baseadas também em pesquisas científicas.

Com uma formação desse tipo, os alunos da Universidade do Estado da Bahia podem fazer escolhas conscientes e intervir na realidade local de maneira educativa e transformadora, além de tornar isso público ao exibir em plataformas de vídeo *online*, como a *webTV* universitária.

Nesse cenário, é importante destacar a contribuição do projeto de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro às divulgações científicas. Pautar esses territórios exige do comunicador, apuração e estudo aprofundado. A formação no JCSAB estimula e valoriza as produções científicas, para contextualizar e educar o público.

Ao veicular essas pesquisas na *WebTV* Uneb Juazeiro, os temas são divulgados de forma exponencial, construindo novos discursos sobre esses territórios, o que não é feito pelo jornalismo comercial. Ao terem consciência dos conteúdos e possibilidades de representações sobre o Semiárido sem reforçar estereótipos, os alunos são formados a potencializar a linguagem e possibilidades jornalísticas no que será produzido.

Referências

ABRAMO, Claudio. **A Regra do Jogo**: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

AZAMBUJA, Cíntia Neves de. **Jornalismo educativo**: da teoria à prática na TV universitária. Disponível em:
<http://www.estacio.br/mestrado/educacao/dissertacoes/dissertacao_cintia_azambuja.pdf>
Acesso em: 16 de maio. 2019.

BURKETT, W. **Jornalismo Científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

- BRASILEIRO, Robson S. **Alternativas de desenvolvimento sustentável no semiárido nordestino**: da degradação à conservação. Disponível em:
<https://www.scienciaplena.org.br/sp/article/view/629>. Acesso em: 20 de junho. 2019.
- CARVALHO, Luzineide Dourado. **Um sentido de pertencimento ao território semiárido brasileiro**: a resignificação da territorialidade sertaneja pela convivência. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228949>. Acesso em: 01 de junho. 2019.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2000 DOURADO, Marisa dos Santos. Análise da linguagem do Jornal Nacional e do da Record: do léxico ao discurso. Disponível em: Acesso em 27 de junho. 2019.
- DANTAS, Reuwer. GOMES, Marcília. **O Nordeste na TV**: produção de sentido e o discurso da seca. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0205-1.pdf>> Acesso em: 20 de junho. 2019.
- DUARTE, Rosália. **Crianças e televisão**: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. Rio de Janeiro. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300010> Acesso em 25 de junho. 2019.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. Discurso científico e discurso ideológico. In: **Revista Tempo Brasileiro**, n. 3, vol. 2, pp. 7–31. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1971.
- FERNANDES, Márcio Ronaldo Santos. Civic **Journalism no Brasil**: a construção de um plano de referência para um Jornalismo Público. Disponível em
<<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/view/58/59>> Acesso em 23 de junho. 2019.
- FELLIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Vozes e sentidos no discurso jornalístico**. Os processos de construção discursiva do telejornal “Notícias”, do Canal Rural1. Disponível em:<
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/21b5419847ceacb694873156d6360b8b.PDF>> Acesso em: 09 de junho. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- LOPES, Poliana Souza de Queiroz. **A Apresentação do Nordeste Semiárido no Jornal Correio da Paraíba**. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1381-1.pdf>>. Acesso em: 28 de maio. 2019.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez: 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. BARCELOS, Claudia. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Diálogos Midiológicos nº 6, Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000
- MONTORO, José Acosta. Periodismo y Literatura. Guaderrama, Madri: T.1 y 2,1973.
ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1988.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê**: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2018.

SILVA, Silmara Cristina Dela-. **Televisão como Objeto Discursivo**: o Discurso Televisivo no Brasil. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0566-2.pdf>>. Acesso em: 25 de junho. 2019.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **InfoCampus - Caerdes**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5HDVD3EQ-9g>>. Acesso em 18 de maio. 2019.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **InfoCampus -NEPEC**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sDNcQYTSfVM>>. Acesso em 18 de maio. 2019.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **InfoCampus -Estação MET**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GnFyVBpt_yA&list=PL-l6cnKbED-gXexvw1V1dZUtLjUbmQ0i1>. Acesso em 18 de maio. 2019.